UCRÂNIA / Ao receber o presidente da China, em Moscou, líder russo elogia a "posição equilibrada" de Pequim sobre a guerra e admite "abertura" para discutir a iniciativa. Visitante destaca que ambos compartilham de objetivos similares

Xi e Putin debatem plano de paz chinês

» RODRIGO CRAVEIRO

A promessa de debate em torno de um plano de paz de 12 pontos — recebido com ceticismo pelos Estados Unidos — marcou a primeira visita do presidente da China, Xi Jinping, a Moscou, desde o início da guerra da Ucrânia, em 24 de fevereiro de 2022. No domingo, antes de Xi embarcar em Pequim, o líder russo Vladimir Putin afirmou que depositava esperança pela visita de seu "velho bom amigo", em artigo publicado pelo jornal on-line chinês *People's Daily* e replicado pelo site do Kremlin. Durante a reunião de ontem, o anfitrião elogiou a posição "equilibrada" de Xi em relação à Ucrânia e garantiu que analisa "com respeito" o plano de paz.

"É claro que teremos oportunidade para debater esse tema. Sabemos que vocês se baseiam nos princípios da justiça e do compromisso com os pontos fundamentais do direito internacional. E que têm posição justa e equilibrada sobre os temas internacionais mais urgentes", disse Putin ao visitante. "Sempre estamos abertos a negociações. Falaremos, sem dúvidas, de todas essas questões, incluindo suas iniciativas, que tratamos com respeito." O chefe do Kremlin reconheceu que a China, nos últimos anos, deu um "salto colossal". "No mundo inteiro, isso desperta interesse e, infelizmente, até inveja", admitiu, em um recado velado aos EUA.

> **Estamos sempre abertos ao processo de negociação. Certamente, discutiremos todas essas questões, inclusive sua iniciativa"**
>
> ***Vladimir Putin,*** *presidente da Rússia*

> **Temos feito esforços para a prosperidade de nossos países. Podemos cooperar e trabalhar, juntos, para alcançarmos nossos objetivos"**
>
> ***Xi Jinping,*** *presidente da Rússia*

Cooperação

Xi, por sua vez, destacou que ele e Putin têm "metas similares". "É verdade que nossos dois países compartilham os mesmos objetivos, ou alguns semelhantes. Temos feito esforços para a prosperidade de nossos respectivos países. Podemos cooperar e trabalhar, juntos, para alcançarmos nossos objetivos", declarou.

Ele assegurou que a China está "disposta a permanecer, de maneira firme, ao lado da Rússia, em nome de um verdadeiro multilateralismo e de uma multipolaridade do mundo", disse Xi, que deverá permanecer em Moscou até amanhã. A visita do chinês à Rússia ocorre poucos dias depois de Polônia e Eslováquia anunciarem o envio de caças MiG-29 à Ucrânia — uma espécie de "linha vermelha" traçada pelo Kremlin para o Ocidente.

Ceticismo

A Casa Branca manteve uma posição de ceticismo em relação ao encontro entre Putin e Xi. O governo do democrata Joe Biden vê poucas evidências de que as conversas em Moscou surtam efeito positivo no front ucraniano. "Vamos ver o que eles falarão nessa reunião. Quero dizer, não sabemos se haverá algum tipo de arranjo. Apenas digo a vocês que não acreditamos que a China está tirando da mesa (o fornecimento de armas para Moscou)", declarou John Kirby, coordenador de comunicações do Conselho de Segurança Nacional.

A rede de TV CNN informou que o presidente norte-americano, Joe Biden, tem interesse em conversar novamente com Xi. Em novembro passado, os dois chefes de Estado mantiveram uma reunião de três horas à margem da cúpula do G20, em Bali, na Indonésia. Segundo Kirby, "é importante preservar as linhas de comunicação abertas, particularmente neste momento, quando as tensões estão muito altas".

O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, disse duvidar que a China salvaguarde a "soberania e a integridade territorial" da Ucrânia. "Qualquer plano que não priorize este princípio fundamental é, na melhor das hipóteses, uma tática dilatória ou, simplesmente, busca um resultado injusto", insistiu. Ainda segundo o chefe de diplomacia de Washington, "pedir um cessar-fogo que não inclua a retirada das forças russas do território ucraniano seria apoiar efetivamente a ratificação da conquista russa".

Vice-presidente para Estudos do think tank Carnegie Endowment for International Peace, Evan A. Feigenbaum comentou que Pequim demonstra preocupação com os EUA, que Xi alegou publicamente ter como objetivos "conter, cercar, suprimir e bloquear" a China. "Em vários temas, da soberania de dados ao uso de sanções unilaterais, Pequim e Moscou estão amplamente de acordo e buscam alterar elementos do sistema internacional", explicou.

Para Eigenbaum, se Pequim tivesse realmente interesse de mediar a paz entre Rússia e Ucrânia, Xi teria feito um esforço para entrar em contato com o presidente Volodymyr Zelensky nos últimos 13 meses.

Ajuda militar

Ontem, Kiev agradeceu o pacote de 2 bilhões de euros (cerca de R$ 11,2 bilhões) anunciado pela União Europeia (UE) para repassar munição às forças ucranianas. "É uma medida muito forte para proteger a segurança europeia", afirmou Andrii Yermak, chefe da administração presidencial ucraniana.

A Noruega anunciou que entregou oito tanques Leopard 2 à Ucrânia, uma contribuição que espera seja "determinante". Polônia, Alemanha, Suécia, Espanha, Finlândia e Canadá também repassaram ou prometeram enviar os veículos blindados a Kiev.

Sergei Karpukhin/Sputnik/AFP



Xi Jinping e Vladimir Putin se cumprimentam antes de reunião no Kremlin: interesses comerciais e posições ideológicas convergentes

Análise da notícia

Uma visita de conveniência

A visita de Xi Jinping a Moscou, no momento em que a Rússia trava uma guerra imprevisível na Ucrânia, deve ser vista sob o escopo do multilateralismo e da integridade territorial. Além dos laços militares e comerciais, Xi e o presidente russo, Vladimir Putin, compartilham de uma visão multipolarizada do mundo.

A dominância dos Estados Unidos na geopolítica internacional representa um incômodo tanto para Pequim quanto para Moscou. O líder asiático vê a influência norte-americana no mundo como uma ameaça à construção da imagem de superpotência da China. O próprio Xi afirmou a Putin estar pronto para "guardar a ordem mundial".

Pequim estaria usando o plano de paz como uma espécie de balão de ensaio para o caso de atores separatistas de Taiwan forçarem a China a atacarem a ilha democrática. O Partido Comunista Chinês (PCC) prometeu "reunificar" Taiwan antes de 2049. Os Estados Unidos veem uma invasão como algo bem mais próximo, em 2027, e chegaram a sinalizar que defenderiam os taiwaneses.

O presidente chinês espera obter apoio russo em uma eventual ofensiva contra Taiwan. Nesse sentido, a viagem de 5.790km é uma tentativa de barganhar solidariedade ante uma iniciativa bélica de Pequim. Os dois líderes também devem firmar acordos nos setores da agricultura, comércio e conectividade.

*Há quem diga que a visita de Xi a Moscou é mais um gesto comedido e conveniente de apoio a Putin do que uma tentativa — real e honesta — de silenciar as armas na Ucrânia. Suspeita-se, inclusive, do fornecimento de ajuda militar ao Kremlin por parte de Pequim. (**RC**)*

FRANÇA

Governo Macron sobrevive a votos de desconfiança

A extrema direita fracassou em aprovar duas moções de desconfiança que forçariam a renúncia da primeira-ministra da França, Élisabeth Borne, quatro dias após ela ativar, pela primeira vez em 65 anos, o artigo 49.3 da Constituição. O texto permitiria impulsionar uma polêmica reforma previdenciária sem votação na Assembleia Nacional.

A primeira moção de censura, apresentada pelo parlamentar centrista Charles Courson, foi derrotada por pouco — apenas nove votos eram necessários para que a medida, contrária ao governo de Emmanuel Macon, obtivesse a maioria absoluta.

Ao todo, 278 legisladores votaram pela desconfiança. Uma segunda moção, iniciativa de Marine Le Pen, líder da extrema direita, coletou apenas 94 dos 287 votos necessários. Com isso, a reforma começou a vigorar de forma automática.

Pouco depois das votações no Parlamento e enquanto multidões tomavam as ruas, Borne saía em defesa do texto. "Nós estamos chegando ao fim do processo democrático dessa reforma essencial para o nosso país. É com humildade e responsabilidade que assumi a responsabilidade minha e do meu governo", escreveu no Twitter. "Pelo nosso sistema previdenciário, pelo nosso modelo social."

Em resposta à reação popular, a premiê avisou que submeterá a reforma ao Conselho Constitucional, "o mais breve possível". À noite, foram registrados protestos em Paris, Estrasburgo (nordeste), Lyon (leste) e Brest (noroeste).

Futuro

Cientista político do Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas (Iris), em Paris, Jean-Yves Camus afirmou ao **Correio** que a margem em prol do governo, na primeira votação da moção de desconfiança, foi estreita. "Dezenove dos 61 parlamentares do partido Os Republicanos votaram pela censura, incluindo 15 aliados a Laurent Wauquiez, candidato a presidente. Isso foi inesperado e significa que a liderança conservadora está enfraquecida."

Bertrand Guay/AFP



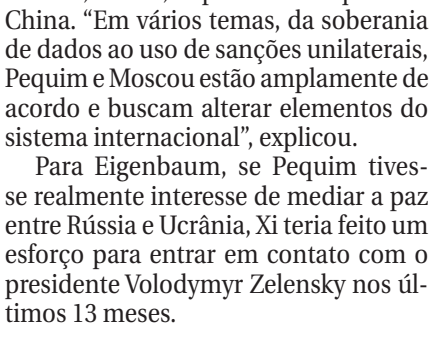
Parlamentares da esquerda protestam, enquanto a premiê Élisabeth Borne discursa

"Macron não renunciará, não cancelará a reforma e, provavelmente, apresentará mudanças em outros setores. O que decidirá o futuro do governo será o escopo das manifestações marcadas para quinta-feira. Mesmo que elas sejam imensas, o movimento social não durará para sempre. Macron pode apostar nisso", acrescentou o estudioso.

Camus avaliou que o Partido Socialista não parece se beneficiar de uma oposição à reforma. "Os Republicanos se dividirão em facções antes das eleições de 2027, e o partido de Macron, Renascimento, não terá futuro. Isso abre espaço para Marine Le Pen (extrema direita) e para Jean-Luc Mélenchon (da extrema esquerda", avaliou o analista. (**RC**)

Eu acho...

Arquivo pessoal



"O presidente Emmanuel Macron não está ameaçado. É seu último mandato, e o que realmente importa aqui será qual o seu legado. Ele pretende deixar sua marca como um líder que modernizou o país a todo custo. Por isso, manterá a política e se focará na ameaça da violência e da vitória de Marine Le Pen, em 2027, a fim de reconstruir sua maioria."

Jean-Yves Camus, *cientista político do Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas (Iris), em Paris*